

VOCABULÁRIO MÁGICO-RELIGIOSO DO *CORPUS* DO PROJETO ALiB: ASSOMBRAÇÕES E FANTASMAS PRESENTES NAS FALAS DOS INFORMANTES DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rosane Maria Bolzan (UEL - IF/SC - UFPel)
Regiane Coelho Pereira Reis (UEL)

Introdução

É sabido que cada região tem suas peculiaridades, suas lendas e mitos. A realidade paulista não poderia ser diferente das demais regiões, pois, a sua fala incomum carrega as marcas vivas de sua história. Abordando em particular as peculiaridades da linguagem popular, cada grupo humano externa, por meio da fala, aquilo que sente no seu viver diário. Por isso a fala desses grupos é a manifestação das características próprias do seu meio que adapta a língua à sua forma de sentir a vida. Pensando nessas questões, objetivamos analisar, neste trabalho, as variações lexicais para o conceito “assombração” focalizando, em particular, o mundo mágico-religioso dos informantes paulistanos. Para tanto, analisamos as variantes extraídas das respostas à questão 148 – do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do *corpus* Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB).

O trabalho se encontra dividido em quatro partes. Primeiramente, abordamos algumas características geográficas e históricas sobre o Estado de São Paulo. Em segundo lugar, tecemos considerações gerais sobre o Projeto ALiB, posto que os dados analisados pertencem ao *corpus* desse projeto. Em seguida, apresentamos a metodologia adotada no trabalho, a análise das variantes levantadas, e as considerações finais.

1. Sobre o Estado de São Paulo

2.

É o Estado com a maior população do Brasil, com mais de quarenta milhões de habitantes, distribuídos em 645 municípios, ocupando uma área de 248.808,8 km², sendo pouco maior que o Reino Unido¹. Possui o maior parque industrial e a maior produção econômica do país, representando mais de 31% do PIB nacional. Detém o maior registro de imigrantes, quase três milhões, composto por mais de setenta nacionalidades diferentes.

Com infra-estrutura e mão-de-obra qualificadas, São Paulo legitima dia-a-dia seu *status* de "motor econômico" do Brasil. O Estado produz, principalmente, produtos de alta tecnologia e se destaca também pela agricultura e pecuária. Por esses e outros fatores, São Paulo pode ser considerado uma potência civil, espiritual e socioeconômica. É o mais rico entre os Estados brasileiros, dentre as vinte e sete unidades federativas do Brasil, com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), superado apenas por Santa Catarina e pelo Distrito Federal. Esta metrópole brasileira localiza-se no Sul da região Sudeste e tem como limites os Estados: Minas Gerais (N e NE), Rio de Janeiro (NE), Paraná (S), Mato Grosso do Sul (O) e o Oceano Atlântico (L). A capital do Estado é a cidade de São Paulo.

Quanto à história da formação de São Paulo, segundo Santos-Ikeuchi (2009), a colonização teve início por volta de 1532, quando Martim Afonso de Souza fundou o povoado que, mais tarde, se transformaria na vila de São Vicente.

Tendo em vista a exploração da terra brasileira e a busca de missionários para a evangelização, chegou ao Brasil um grupo de jesuítas, do qual faziam parte o Padre José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. Esse grupo escalou a Serra do Mar e chegou ao planalto de Piratininga, onde encontrou, segundo cartas enviadas a Portugal, “uma terra mui sadia, fresca e de boas águas”.

Durante os três primeiros séculos de colonização, o número de índios e mamelucos superou em muito o de europeus. Até meados do século XVIII predominava, entre a população, uma “língua geral” de

¹ Dados retirados do Portal do governo do Estado de São Paulo.

base tupi-guarani, sendo essa língua franca a mais falada em toda a região paulista. No período da união das coroas ibéricas, entre 1580 e 1640, estima-se que o Espanhol fosse a segunda língua da vila de São Paulo.

Após a Independência do Brasil, em 1822, os africanos representavam algo em torno de 25% da população, e os mulatos, mais de 40%. Nessa época, já era insignificante a presença de índios nas zonas ocupadas pela colonização, pois foram implantadas lavouras de cana-de-açúcar na região entre Itu e Sorocaba.

Na passagem do século XVIII para o XIX, aconteceu uma grande virada da economia paulista, quando as plantações de café começaram a substituir as de cana-de-açúcar e, assim, começou a se preparar para ocupar o primeiro plano na economia nacional. Nesse contexto, São Paulo passou a assumir uma posição de destaque no cenário nacional com a passagem do Brasil Colônia para Império, principalmente devido ao avanço dos cafezais pelo Estado, período de grandes transformações, marcado pela crise do sistema escravocrata e a chegada em massa de imigrantes, principal alternativa de solução ao problema da mão-de-obra na lavoura cafeeira. Além disso, a expansão da cultura do café exigiu a multiplicação das estradas de ferro, iniciando-se, então (1860-1861), em Santos e São Paulo, os trabalhos da construção da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, a São Paulo Railway, responsável pelo primeiro trem a ligar as duas cidades. A ferrovia possibilitou a expansão da cafeicultura, atraiu imigrantes e permitiu a colonização de novas áreas, sobretudo a ocupação do Oeste paulista, enquanto nas cidades havia também um avanço da industrialização.

Até 1930, a República foi controlada pelas oligarquias agrárias do Estado de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A importância econômica do café produzido em São Paulo e do gado de Minas Gerais sustentou a “política do café-com-leite”, em que paulistas e mineiros se alternavam na Presidência da República. Sobretudo no final do século XIX, aumentou o número de imigrantes vindos de outras regiões do Brasil, intensificando o processo de urbanização.

Quanto ao processo migratório no Estado, São Paulo é considerado um dos lugares do Brasil com o fluxo mais intenso, que se justifica pelo rápido desenvolvimento da região paulista, pelas oportunidades de emprego às pessoas e pelo sonho de conquistar uma vida melhor nesse lugar. Os dados apresentados pelo IBGE no censo demográfico do ano de 1970/1980 comprovam o crescimento populacional da região Metropolitana paulista, o que ratifica o maior crescimento absoluto do país de 10,27% para a cidade de São Paulo.

Segundo dados da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), o processo migratório para São Paulo começou em 1901. Aproximadamente em 1923, iniciou-se com grande intensidade o fluxo de nordestinos, mineiros e fluminenses para o Estado de São Paulo.

Em 1935, o governo de Armando Salles de Oliveira decidiu estimular a migração para São Paulo com o objetivo de suprir a lavoura de mão-de-obra. Para isso, companhias particulares contrataram trabalhadores mediante a proposta de pagamento de passagem, bagagem e um pequeno salário para a família.

No período de 1941 a 1949, somente o Departamento de Imigração e Colonização de São Paulo encaminhou à lavoura do Estado 399.937 trabalhadores procedentes de outros Estados do Brasil. Essa situação foi agravada porque, nessa época, a imigração de europeus reduziu-se drasticamente devido à Segunda Guerra Mundial.

Foi somente nas décadas de 1950 e 1960 que houve a efetiva industrialização do Estado e a consequente abertura de um mercado de trabalho de dimensões amplas, uma vez que o processo de crescimento industrial levou a uma substancial ampliação do setor terciário.

2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) se configura como projeto nacional cujo alvo é o mapeamento das variantes da língua portuguesa falada no país.² A partir da iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras, a UFBA (Universidade Federal da Bahia) assume atitude pioneira, mais uma vez, ao empreender a concretização dessa proposta que se realiza como projeto conjunto que envolve atualmente doze universidades brasileiras.

Apesar do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, outorgando à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a responsabilidade de elaborar o atlas linguístico do Brasil, o projeto só tomou forma em novembro de 1996. A partir dessa data, foi criado um Comitê Nacional integrado pelos autores dos cinco

² Dados retirados do Projeto ALiB – Atlas linguístico do Brasil. Atlas regionais publicados.

atlas linguísticos regionais publicados na época e por um representante dos atlas em andamento, ficando, assim, composta a equipe fundadora: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPA), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch, este último representando o Atlas linguístico e etnográfico da Região Sul (ALERS), então em andamento. Em 2002, com a publicação do ALERS, integra-se ao comitê a professora Aparecida Negri Isquerdo (UFMS/UEL).

O Projeto ALiB tem suas bases teórico-metodológicas nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea e prioriza a variação diatópica (diferenças fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas), não deixando de abordar os fenômenos de natureza social intrínsecos ao estudo da língua. Além disso, pretende oferecer aos estudiosos da língua portuguesa e aos pesquisadores de áreas afins subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma interpretação melhor do caráter multidialetal do Brasil. Objetiva, ainda, evidenciar as diferenças regionais por meio dos dados linguísticos mapeados, contribuindo para fundamentar e definir aspectos teóricos sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

Sobre os dados linguísticos, o ALiB pretende inserir-se entre os atlas mais modernos, fornecendo, com os chamados atlas de 2ª geração, além das cartas linguísticas, estudos interpretativos sobre alguns dos aspectos cartografados. A rede de pontos é constituída de 250 localidades, justamente para recobrir todo o país. Está distribuída por todo o território nacional, levando-se em consideração aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento de cada região. Assim, são incluídas cidades de grande e médio porte e todas as capitais, com exceção de Brasília (Distrito Federal), em vista da data de sua criação, e Palmas por ser uma cidade relativamente nova.

Ainda foram consideradas questões referentes aos limites internos e internacionais e analisados os pontos sugeridos por Antenor Nascentes em Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (1958), os quais foram mantidos pela sua relevância.

Em relação ao perfil dos informantes, optou-se por selecionar pessoas da região pesquisada, pais da mesma área linguística, além do controle de variáveis sociais tais como duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos), dois sexos/gêneros, e baixa escolaridade. Nas capitais de cada Estado são acrescentados mais quatro informantes com nível universitário, observadas as mesmas correlações de sexo e faixa etária.

O questionário linguístico aplicado divide-se em: Fonético-fonológico (QFF), Semântico-lexical (QSL) e morfossintático (QM), seguidos de questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas de metalinguística e texto para leitura. Os questionários foram testados e revisados pelos pesquisadores envolvidos no projeto, gerando a última versão publicada pela Universidade Estadual de Londrina/UEL, em 2001.

3. Metodologia da presente pesquisa

Para discutir a variação lexical em torno das respostas dadas à questão 148 do QSL: “O que é visto à noite e se diz que é do outro mundo”, adotamos como suporte teórico-metodológico os princípios da Dialetoleologia e da Geolinguística contemporâneas.

Delimitamos para este estudo a análise dos registros lexicais referentes a trinta e oito pontos de inquérito do Estado de São Paulo: Jales (ponto 150), Votuporanga (ponto 151), São José do Rio Preto (ponto 152), Barretos (ponto 153), Franca (ponto 154), Andradina (ponto 155), Araçatuba (ponto 156), Ribeirão Preto (ponto 157), Lins (ponto 158), Ibitinga (ponto 159), Mococa (ponto 160), Presidente Epitácio (ponto 161), Adamantina (ponto 162), Araraquara (ponto 163), Teodoro Sampaio (ponto 164), Presidente Prudente (ponto 165), Marília (ponto 166), Bauru (ponto 167), Mogi Mirim (ponto 168), Assis (ponto 169), Bernardino de Campos (ponto 170), Botucatu (ponto 171), Piracicaba (ponto 172), Campinas (ponto 173), Bragança Paulista (ponto 174), Taubaté (ponto 175), Guaratinguetá (ponto 176), Itapetininga (ponto 177), Sorocaba (ponto 178), São Paulo/ capital (ponto 179), Caraguatatuba (ponto 180), Itararé (ponto 181), Capão Bonito (ponto 182), Itanhaém (ponto 183), Santos (ponto 184), Ribeira (ponto 185), Registro (ponto 186) e Cananéia (ponto 187).

Em cada ponto de inquérito foram entrevistados quatro informantes, dois homens e duas mulheres em duas faixas-etárias (18-30 anos e 50-65 anos), totalizando, assim, cento e cinquenta e seis (156) informantes, com ensino fundamental completo ou incompleto e mais quatro informantes, na capital do Estado, com curso universitário.

Nesta apresentação, analisamos as variantes para o conceito “assombração” extraídas das 156 entrevistas realizadas pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, recolhidas das entrevistas realizadas

nos 38 pontos linguísticos do Estado de São Paulo. Com base nas 266 ocorrências obtidas como resposta à questão 148 do QSL do ALiB, procuramos:

- i) evidenciar as variantes registradas, assim como sua respectiva distribuição diatópica;
- ii) descrever a relevância das variáveis diassexual e diageracional que possam diferenciar o falar do grupo linguístico investigado;
- iii) verificar possíveis regiões de isoléxicas que marcam o falar paulista.

4. Análise dos dados: a variação linguística presente no mundo mágico-religioso paulista

O mundo *mágico-religioso* traz em si mesmo, por meio da linguagem, o sinete das crenças e das ideologias que cercam as sociedades. Nesse sentido, justifica-se, assim, a escolha desse campo semântico como objeto de estudo deste trabalho, pois as credences e os mitos populares geram intensa diversidade cultural e linguística que merecem ser investigadas, uma vez que, desde a antiguidade, o *homo sapiens* busca respostas à origem do próprio ser, à essência do homem. Mas a existência humana está sempre envolta num manto de mistérios, eis aí o ingrediente formador do mito.

Sobre o assunto, Cassirer (1972, p. 23) registra que “as representações não são extraídas de um mundo já acabado do ser; não são meros produtos da fantasia, que se desprendem da firme realidade empírica positiva das coisas, para elevar-se sobre elas, como tênue neblina, mas sim, representam para a consciência primitiva, a totalidade do ser”.

Em consonância ao pensamento de Cassirer, os mitos nascem no seio da sociedade e representam uma consciência primitiva, o que nos leva a crer que o desaparecimento dessa consciência pode levar anos e até mesmo décadas para ocorrer, apesar de as línguas, segundo Elia (1987, p. 61-63) se alterarem mais lentamente que as culturas.

Assim, para a análise dos dados oriundos da área semântica *religião e crenças* presente no Questionário do ALiB, selecionamos as seguintes variantes da língua portuguesa designadas pelos 156 informantes entrevistados no Estado de São Paulo: *Assombração/sombra*; *Fantasma*; *Alma penada/do outro mundo/vagando/perdida/ abandonada*; *Vulto*; *Espírito*; *Visão/visagem*; *Morto/gente morta*; *Corpo seco*; *Coisa de outro mundo/coisa do mundo*.

A visualização dos dados apresentados permite constatar que as três maiores ocorrências para o conceito em pauta distribuídas em todo o estado de São Paulo são *assombração/sombra*, *alma penada* e suas variações, e *fantasma*.

Em primeiro lugar, analisamos as acepções dicionarizadas para as três variantes de maior ocorrência citadas, reservando às nomeações, que obtiveram menor índice de produtividade, breves comentários. Para tanto, foram consultados os seguintes dicionários de língua portuguesa: Aulete, Caldas (2008) e Houaiss, Antônio; Villar, Mário. (2001).

Em termos de frequência de respostas, a variante de maior ocorrência foi *Assombração/sombra* com um percentual de 70,5% do total dos dados, seguida das variantes *Alma* e suas respectivas variações com 30,7% e *Fantasma* com 25,6%. Já com índice menor de produtividade, foram documentadas as seguintes variantes: *Vulto* com 8,9%, *Espírito* com 8,3%, *Visão/visagem* com 6,4%, *Morto/gente morta* com 3,2%. Documentamos ainda *Corpo seco* com 2,5% das ocorrências, *Coisa ruim* também com 2,5% e, por fim, *Coisa do outro mundo* com 1,9% do conjunto das respostas.

A distribuição total das variantes elencadas está registrada no Quadro I:

QUADRO I – Dados do Projeto ALiB: índice total e percentual de ocorrências das variantes

VARIANTES	Total de ocorrências	Percentual de ocorrências
<i>Assombração / sombra</i>	110	70,5%
<i>Alma penada/do outro mundo/vagando/perdida/ abandonada</i>	48	30,7%
<i>Fantasma</i>	40	25,6%
<i>Vulto</i>	14	8,9%
<i>Espírito</i>	13	8,3%

<i>Visão/visagem</i>	10	6,4%
<i>Morto/gente morta</i>	05	3,2%
<i>Corpo seco</i>	04	2,5%
<i>Coisa ruim</i>	04	2,5%
<i>Coisa de outro mundo/coisa do mundo inferior</i>	03	1,9%

Fonte: Banco de dados do ALiB-Regional PR.

O quadro acima foi elaborado com a finalidade de permitir melhor visualização das variantes obtidas nas 38 localidades pesquisadas. Para tanto, cada variante apresenta na segunda e terceira colunas, respectivamente, o número total de ocorrências registradas junto aos informantes, seguidos do percentual de produtividade obtido. Cada informante nomeia, geralmente, mais de uma variante para o conceito em pauta no QSL, portanto, a soma das variantes é sempre superior ao número total dos informantes, assim como é superior a 100%, a soma total das porcentagens. O gráfico 1 traz o índice de ocorrências e a distribuição quantitativa das variantes.



GRÁFICO I: Índice das maiores ocorrências

Além das variantes já citadas, foram registradas outras designações que remetem também ao mundo mágico-religioso como *defunto* (03), *demônio* (02), *etê* (02), *tentação* (02), *aparições* (01), *imagens* (01) e *coisas sobrenaturais* (01). O fato de estas variantes não se encontrarem no Quadro I e no Gráfico I se dá por designarem entidades míticas ou por designarem o mundo mítico em si, mas não nomeiam diretamente o referente para *assombração* e, sim, os tipos de assombração. Outro aspecto a ser mencionado centra-se no âmbito de que o índice dessas ocorrências foi de menor relevância, se considerarmos o alto índice das demais ocorrências levantadas.

Para a variante *assombração/sombra*, o dicionário Caldas Aulete a registra como brasileirismo “2. Terror causado pela aparição de fenômeno inexplicável ou sobrenatural, como fantasmas etc.”. “3. Essa aparição” e *sombra* na acepção figurativa de “11. Espírito, alma, fantasma”. Já o dicionário Houaiss traz as seguintes definições para *assombração*: “2. sentimento de terror causado por coisas que não se podem explicar e que frequentemente são interpretadas como sobrenaturais. 3. Alma do outro mundo; fantasma, sombra; sinonímia de fantasma”. E para *sombra*, palavra datada em documentos do século XVIII, o significado mágico-religioso de “12. Coisa que parece impalpável, imaterial; vulto; 12.1 Espírito desencarnado; alma, fantasma”.

Ao observarmos as acepções dicionarizadas para o referente de *assombração*, acima citadas, constatamos o invólucro mítico nos seus amplos significados e comprovamos que são as mesmas designações dadas pelos informantes acerca do mundo mágico-religioso. Nesse caso em particular, conferimos as várias designações obtidas nas 156 entrevistas realizadas pela equipe ALiB com as acepções dicionarizadas, tais como *espírito*, *alma*, *fantasma*, *assombração*, *sombra*, quer seja como variante, quer seja como brasileirismo informal ou termos ligado à religião e a credences.

Em termos de variáveis, constatou-se que a variante *assombração*, no total geral de respostas obtidas, é mais frequente na fala masculina, tanto na segunda faixa etária quanto na primeira, como podemos visualizar no Quadro II abaixo:

QUADRO II: frequência na variável diasssexual e diageracional para *assombração*

GÊNERO	ASSOMBRAÇÃO	
	Número de ocorrências – 1ª faixa etária	Número de ocorrências – 2ª faixa etária
Masculino	28	33
Feminino	23	26

Analisando ainda o Quadro II, verifica-se que existem diferenças, ainda que menos significativas, também no que diz respeito à variável diageracional. O maior índice de ocorrências para a variante *assombração* centra-se na segunda faixa etária, em ambos os sexos. Talvez isso se explique pela fala do idoso possuir maiores tendências à conservação linguística. Conforme Tarallo (1986), a pessoa adulta carrega traços linguísticos dos seus quinze (15) anos e que, portanto, a variação linguística é mais forte na criança do que no adulto. Também em pesquisa desenvolvida por Reis (2006), esta tendência se comprova. Assim, o confronto desses dados para a questão 148 do QSL em todo o território brasileiro poderá confirmar ou não essa hipótese.

Outra variante de destaque foi *alma* que suscitou um amálgama de nomeações para o referente da questão 148 do QSL do questionário do ALiB, tais como, *alma penada/do outro mundo/vagando/perdida/abandonada*.

O Dicionário Caldas Aulete registra *alma* como “princípio de vida, não corpóreo, do ser humano ou do animal. 3. rel. princípio espiritual, tido como imortal, portanto, separável do corpo material. 14. pop. fantasma, espectro. Acerca da mesma variante, Caldas Aulete explicita a origem mítica do termo, bem como, expõe suas relações sinonímicas com outras variantes registradas como populares que são *fantasma* e *espectro*.”

O dicionário Houaiss a registra como originária em documentos do século XIII nas seguintes definições relacionadas ao mundo mágico-religioso: rel. para os cristãos, parte imortal do homem, dotada de existência individual permanente, e que, após a morte do corpo, tem como destino a felicidade ou a danação eternas, conforme os atos que praticou durante a existência terrestre; espírito. 19. Informal/variante de: espírito desencarnado; fantasma; alma do outro mundo, fantasma, espectro, visão.

A variante *alma* (significado 19) remete diretamente ao mito, embora o dicionarista Houaiss a registre como variante informal, ou seja, designação dada pelo povo ao referente de alma, citando como sinônimos *espírito desencarnado; fantasma; alma do outro mundo, espectro, visão*. Esta gama de variantes também foram obtidas em todo o Estado de São Paulo junto aos informantes. É fato, pois, que a diversidade linguística está presente na linguagem popular mesclada à cultura e à realidade que a cerca.

O estudo sistemático dessas variantes expõe não só o lado mítico que subjaz à fala do informante, já que as designações dicionarizadas pelos dois lexicógrafos pesquisados conferem com as respostas extraídas das entrevistas, mas também, com o veio metafórico que confere à fala popular o “poder” de, ao longo do tempo, transformar, enriquecer e atribuir novos significados ao acervo vocabular de uma língua natural. Assim, designações compostas como *alma penada, alma perdida, alma abandonada, alma vagando, alma do outro mundo* denotam as realizações carregadas de valor semântico que fazem do estudo dialetal campo fértil para desvendar a realidade que cerca a fala popular.

Em consonância ao exposto, verificamos junto aos dicionários pesquisados os significados das variantes para *Alma penada*, por exemplo, como, segundo a crença popular, aquela que “vagueia às vezes pela Terra em penitência; alma perdida (HOUAISS), originária do latim, Anima, ae ‘sopro, ar’. E, ainda, *alma do outro mundo*, ligada à nomeação de um tipo de borboleta que costumava atacar tudo o que se movia, inclusive o homem. Parece haver ligação entre a maior parte dos significados apresentados para *alma* com a fala dos informantes. Vejamos trecho da fala de informantes entrevistados sobre o assunto: ponto 179/3 - “Quando a alma é sofrida, diz que aparece...”; ponto 166/3 - “... outros fala que vê alma, né?”; ponto 168/2: “Alma abandonada...”; 171/4 - “Alma penada? Eh, eles dizem que vê luz andando, né, vê... éh... pessoas com... c’uma capa preta andando pelo cemitério. Eu acho que é tudo visão, né, num é nada”.

Em relação às variáveis sexo e faixa etária, observemos o Quadro III:

QUADRO III: frequência total com base nas variáveis diasssexual e diageracional para *alma* e suas variantes

GÊNERO	ALMA	
	Número de ocorrências – 1ª faixa	Número de ocorrências – 2ª faixa etária

	etária		
Masculino		08	07
Feminino		17	16

Analisando o Quadro III, verificam-se diferenças quanto à variável diageracional. O maior índice de ocorrência para a variante *alma* centra-se, desta vez, na primeira faixa etária, em ambos os sexos, **ainda que seu percentual seja pouco significativo**. Um estudo mais apurado desse fato linguístico poderia apontar esta designação, em longo prazo, como uma mudança em curso. Como registra Tarallo (1986), a luta entre variantes se trava com armas distintas e com fatores condicionantes, linguísticos e não-linguísticos, em que sempre uma delas vence a batalha. Desta forma, o fato só poderia ser comprovado com o estudo da variante à luz da trajetória histórica que esta irá construindo no decorrer do tempo e do uso que a comunidade de falantes faz dela.

Outra designação que merece destaque é *fantasma* com quase dez por cento das ocorrências. O dicionário Caldas Aulete registra para *fantasma* as seguintes formas: 1. Suposta aparição de pessoa que já morreu; alma penada; assombração, espectro. 2. Imagem sobrenatural que alguém julga ver. 3. Visão medonha que aterroriza. Segundo o dicionário, o termo remonta ao grego como *phántasma* passa pelo latim *phantasma* e adentra a língua portuguesa na mesma acepção da sua origem. O dicionário Aulete trata a variante *fantasma* como uma sinônimo popular da designação *alma*.

Segundo Houaiss, *fantasma*, enquanto registro em documentos, remonta ao século XVI com os significados de: 1. Aparência destituída de realidade, puramente ilusória; 2. Visão que apavora, que aterroriza; 3. Suposta aparição de pessoa morta ou de sua alma; assombração, espectro, alma do outro mundo. 4. Algo que cria terror por ser horrendo. Reafirma a etimologia da palavra e a trata como variação sinonímica de ‘*aparição, assombração, espectro, sombra, assombração, visagem, visão*’. As acepções pesquisadas para *fantasma* são compatíveis com as descritas pelos informantes: “Ah... eu vi as *alma*, vi a pessoa lá, o *fantasma*...” (ponto 168/4).

QUADRO IV: frequência total com base nas variáveis diasssexual e diageracional para *fantasma*

GÊNERO	FANTASMA	
	Número de ocorrências – 1ª faixa etária	Número de ocorrências – 2ª faixa etária
Masculino	09	07
Feminino	12	12

A análise do Quadro IV registra **poucas** diferenças diageracionais e diasssexuais entre os informantes que designaram o referente de *assombração* como *fantasma*, **verificando-se percentual quase equivalente para ambos os sexos**.

A propósito das designações com índices menores de ocorrências, verificamos que sobre a variante *vulto*, Aulete a registra como “2. Corpo ou figura indistinta; imagem”, de origem latina. Já o dicionarista Houaiss data a sua documentação como pertencente ao séc. XIV na mesma acepção de Caldas Aulete. Acerca dessa lexia, nas suas falas, os informantes corroboram as definições dicionarizadas: “Ah, vê *vulto*...” (ponto 162/4) e “Ah, eu vi uma *alma penada*, eu vi um *vulto*...” (ponto 167/4). A variante *vulto* também designa o conceito para *assombração* na fala dos informantes e, nos dicionários, é tratada como sinônima do mesmo referente. Em se tratando de dados estatísticos, essa nomeação representa um total de 8,9% das ocorrências.

Quanto a *espírito*, segundo Caldas Aulete, a variante nomeia “1. Componente não corporal de ser humano vivo, que segundo crenças religiosas ou de outra natureza sobrevive à morte do corpo; alma; 5. rel. Qualquer entidade sobrenatural, seja do bem, seja do mal (espírito demoníaco, espírito iluminado).

Houaiss registra a mesma variante como originária do século XIII, nas acepções de “2. Mesmo que alma ‘parte imortal’. 5. Entidade sobrenatural ligada ao bem ou ao mal. 14. Entidade sobrenatural ou imaginária (os anjos, o diabo, os duendes, etc.)”. Segundo o dicionarista, *espírito* significa o mesmo que “espectro (fantasma)”. Essa variante, em particular, merece destaque por apontar duas esferas míticas que envolvem o mundo mágico-religioso, as esferas do bem e do mal. O que se constata, portanto, como realidade sobrenatural que envolve a consciência mítica dos falantes da língua desvendada nos seus múltiplos significados.

Assim, trechos de fala como: “*Espírito*, né? Tem bastante gente que já viu *espírito*. Tem um rapá que ficou gago porque viu um...” (ponto 172/1) ou “*Espíritos* [...] Um bicho, um, um... um *espírito*”

(ponto156/2) denota a esfera maléfica que essas entidades míticas representam. Por oposição à variante *alma perdida ou alma abandonada*, por exemplo, já que denotam certa “compaixão” extraída da fala do informante remetendo à esfera benéfica, pois algo que se perdeu ou foi abandonado tem uma conotação mais amena. Ao contrário, o referente para a nomeação *espírito* retirada da fala do informante masculino, do ponto172, representa a entidade maléfica que prejudica as pessoas. Em relação às demais variantes com baixa ocorrência, *espírito* obteve um percentual relativamente alto, perfazendo um total de 8,3% do total geral.

Outra designação que remete ao mesmo referente de *espírito* é *visão/visagem*, respectivamente, registradas nos dois dicionários consultados como aparição de ente sobrenatural. *Visagem* é tratada como brasileirismo pelos dois dicionaristas consultados na acepção de ‘aparição, fantasma, assombração’, termo originário do latim *visus,us* que significa ‘vista,visão’. Também considerada variante sinônima de *fantasma*.

Há três casos de ocorrências para as variantes *visão/visagem* que traduzem as mesmas acepções dos dicionários para o referente em questão, são eles: ‘Ahã. Eu nunca e nem quero vê [...] *visage*’ (185/2), ‘[...] Eh, eles dizem que vê luz andando, né, vê... eh... pessoas com... c’um capa preta andando pelo cemitério. Eu acho que é tudo *visão*, né, num é nada’ (171/4) e ‘[...] fala *sombração*, eles fala *visagem*, né?’ (183/3). *Visão/visagem* alcançaram um percentual de 6,4% do total das ocorrências.

Já a variante *morto/gente morta* foge ao referente de *assombração* que segundo os dicionários estudados significa ‘Morto 13. Aquele que morreu, defunto’. Pela análise de alguns trechos das entrevistas, verificamos que o *morto* ou *gente morta* designa apenas um tipo de *assombração*, segundo a fala dos informantes, vejamos: ‘*sombração, fantasma* [...] *gente morta*...’ (ponto 181/2), ‘*Fantasma, gente morta*...’ (ponto 179/6) e ‘*Morto*. Diz que já viram *gente morta, espírito*’ (ponto 153/2). Essa variante representa apenas 3,2 do percentual das ocorrências.

Apesar do baixíssimo índice de ocorrência, 2,5%, *corpo seco* merece ser considerada neste trabalho por representar uma das muitas narrativas que a pesquisa dialetal resgata na fala do informante que, por vezes, distraído, desnuda seu mundo mágico-religioso por meio da linguagem. Os dicionários pesquisados referem-se a essa variante como brasileirismo da região sul do país na acepção de ‘esqueleto, duende, assombração, representados na imaginação popular em forma de esqueleto’ (AULETE), ou ainda, como brasileirismo informal significando ‘morto que vaga, esquelético e insepulto pela terra, em virtude de uma vida de malefícios’ (HOUAISS). Os registros apontam para nomeação de entidade maléfica, o referente integra as narrativas passadas oralmente de geração a geração.

Sobre o assunto, examinamos trechos de fala dos informantes: ‘*Corpo seco*. Tem pessoal...Ah, tem ali tem *corpo seco*, ali tem *sombração*’ (ponto176/2) e ‘*alma penada, corpo seco*’ (ponto177/1). E a narrativa do informante masculino do ponto 181: ‘*Corpo seco* [...], ainda tem *corpo seco* aqui pra cá, no ali pra baixo, perto do Bom Sucesso. [...] É gente, né, que é muito ruim demais, bate na mãe, bate no pai, bate nisso... A pessoa num morre, ela... ela vai secano, secano, secano e secano, fica esque... (?=esqueleto), fica, fica puro osso, daí num... vai, num morre, fica sofreno e fica andano po meio dos mato aí, sombrano os oto aí [...] Tem que pagá pelo que fez e daí, né... e às veiz pode morrê, morre na carne, mas o osso fica assombrano no mei’ do mato.

Por fim, *coisa-ruim* (2,5% das ocorrências), segundo Aulete e Houaiss, constitui-se de brasileirismo informal na acepção da própria personificação do mal, ‘o diabo’, do ponto de vista do cristianismo. Da mesma forma, a variante *coisa (de outro mundo/coisa do mundo)*, que obteve baixo índice de nomeação, considerada como brasileirismo ou termo popular significando também ‘o diabo’(AULETE).

Acerca desta última variante, *coisa*, o dicionarista Houaiss a registra como ‘1.Tudo quanto existe ou possa existir, de natureza corpórea ou incorpórea. 2. Qualquer ser inanimado. 14. O que não se sabe; mistério, enigma. Sinônimo de diabo’. Consta-se, por meio das análises das variantes *coisa-ruim* e *coisa (de outro mundo/coisa do mundo)*, que não designam o mesmo referente genérico *assombração*, mas nomeiam um tipo específico de *assombração*, assim como os termos *morto/gente morta*. E também faz parte das entidades maléficas, fato que parece ser recorrente para o referente de *assombração*, já que o termo designa o que assombra, o que provoca medo.

Para completar e ilustrar a análise, cartografamos os dados com a finalidade de oferecer uma visualização melhor, especialmente, retratando as duas variantes de maior ocorrência. Assim, foram mapeadas apenas as primeiras e as segundas respostas fornecidas pelos informantes. Por esse motivo, o número de variantes registradas no Quadro V não corresponderá ao total geral das ocorrências.

Para tanto, adotamos a seguinte metodologia para a distribuição das variantes na carta linguística: uma cruz para os municípios e duas cruzes³ na capital do Estado de São Paulo. Na parte superior da cruz centram-se os dados dos informantes da 1ª faixa etária (18-30 anos) e, na parte inferior, os informantes da 2ª faixa etária (50-65 anos). Na capital, a primeira cruz representa os informantes com baixa escolaridade. Já a segunda, denota os informantes com nível universitário.

Quanto à simbologia, quadrados para os informantes masculinos e os círculos para os informantes femininos. No canto inferior esquerdo, foram elencadas as variantes marcadas na carta sob a forma de cores. No canto superior esquerdo, configura-se o nome da carta.

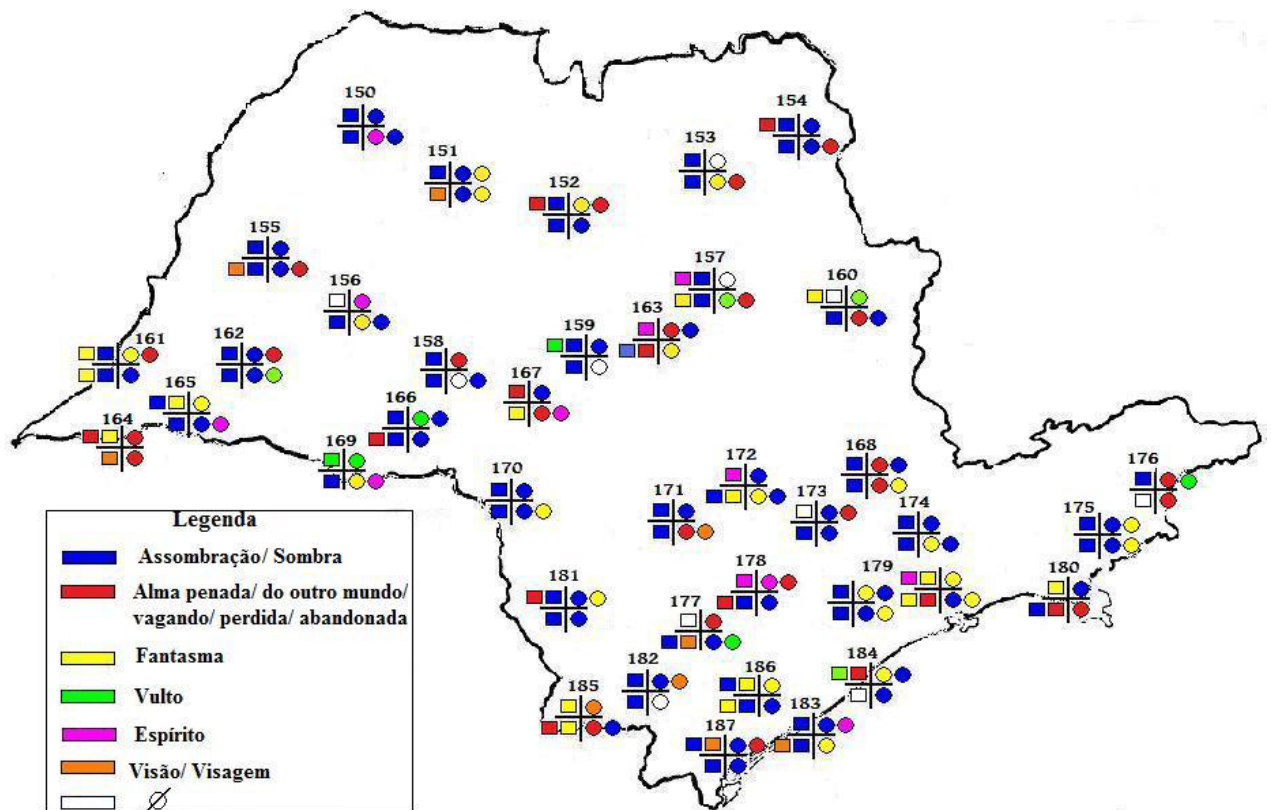
O Quadro V traz os dados da carta *Assombração*.

QUADRO V: dados quantitativos da carta *Assombração*

VARIANTES	Total de ocorrências	Percentual de ocorrências
<i>Assombração / sombra</i>	49	23,2%
<i>Fantasma</i>	39	18,4%
<i>Alma penada/do outro mundo/vagando/perdida/ abandonada</i>	35	16,5%
<i>Espírito</i>	12	5,6%
<i>Vulto</i>	10	4,7%
<i>Visão/visagem</i>	09	4,2%

A análise total das 211 ocorrências evidencia o elevado volume de variantes existentes na fala paulista, permitindo ao pesquisador interessado nessas questões visualizar a enorme variedade de nomeações para um mesmo referente e/ou para outro que mantenha com este relações sinonímicas.

CARTA ASSOMBRAÇÃO



³ Cruz do lado direito representa os informantes com baixa escolaridade; cruz do lado esquerdo da carta, os informantes com nível universitário.

A carta linguística foi elaborada *ad hoc* por Greize Alves da Silva/Regiane Coelho Pereira Reis (levantamento dos dados).

Considerações Finais

É sabido, pois, que desde tempos remotos o homem busca respostas a perguntas sobre a origem do ser, de onde veio, para onde vai. E a existência humana estará sempre envolta em uma orla de mistérios e misticismos. Isso porque é imanente ao homem divagar, criar e recriar entes divinos para poder explicar e transcender o inexplicável. Eis aí o ingrediente formador do mito nas relações humanas dentro da sociedade. A dinamicidade dessas criações míticas é que fazem fecundas as explicações populares para a formação mágico-religiosa, no sentido de mágica a não resposta. Por isso, desde as tribos indígenas mais remotas registram-se (as que tiveram suas culturas documentadas) as criações de divindades, mitos e medos, credences de toda sorte, que subjazem à história dos povos afins e, conseqüentemente, transcendem aos diversos níveis da linguagem.

No Brasil não poderia ser diferente, visto que a diversidade cultural que permeia o seu território é intensa, pois, ao longo dos tempos foram mesclados a língua, as crenças, as ideologias e os saberes do povo. Como bem atesta Souza (1981, p. 9), a história humana gera conhecimento e não se pode negar que o conhecimento gira em torno da essência do homem que está sempre em trânsito. Na sociedade, mesmo tida como moderna em sua estrutura cultural, o mito pode ser facilmente percebido.

O presente trabalho revela, em seu resultado, maior índice de nomeações na segunda faixa etária (idosos); a pluralidade de designações ressalta, ainda, a grande variação linguística encontrada na linguagem popular. Acerca da distribuição pelo espaço, as influências podem ser advindas de outras regiões, hipótese esta que somente estudos posteriores nas regiões circunvizinhas ao estado de São Paulo poderão comprovar.

A amostra que apresentamos neste trabalho busca revelar que a descrição da língua falada está longe de findar. Ao contrário, ainda resta um longo caminho para percorrer nas trilhas geolinguísticas brasileiras. A conclusão do Projeto Atlas Linguístico do Brasil/ALiB, por certo, acarretará para a Dialetologia nacional, considerável avanço nesse caminhar.

Referências

- AGUILERA, V. de A. (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005.
- AGUILERA, V. de A. ; MOTA, J. A.; MILANI, G. A. (orgs.). *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Documentos 1)*. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003.
- AGUILERA, V. de A. (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.
- AULETE, C. *Dicionário digital da língua portuguesa contemporânea*. Biblioteca Nacional. 2008.
- CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIA, S. *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda., 1987.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.
- NASCENTES, A. *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958, 1961.

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/saopaulo/>. Acesso em: 28 maio. 2009.

PROJETO ALIB – Atlas linguístico do Brasil. Atlas regionais publicados. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br>. Acesso em: 29 maio. 2009.

REIS, R. C. P. *Atlas Lingüístico do município de Ponta Porã, MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. Três Lagoas, MS: UFMS, 2006. (Dissertação de Mestrado)

SANTOS-IKEUCHI, A. C. dos. *Atlas linguístico topodinâmico do Oeste de São Paulo*. Dissertação de mestrado. UEL, Londrina, 2009.

SOUZA, E. *História e Mito*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, cadernos da UnB, 1981.

TARALLO, F. *A pesquisa Sociolinguística*. 2^a ed. São Paulo: Ática, 1986.